

O ESTADO DO CONHECIMENTO COMO TRAVESSIA INVESTIGATIVA:

mapeamento das pesquisas com crianças na ANPEd (2015-
2023)

STATE OF KNOWLEDGE AS AN INVESTIGATIVE CROSSING:

mapping research with children in ANPEd (2015-2023)

Eliane Brusco das Chagas ⁱ

Altino José Martins Filho ⁱⁱ

Célio Roberto da Silva ⁱⁱⁱ

RESUMO: Este artigo aborda a participação infantil na produção acadêmica. O objetivo é analisar, à luz da Sociologia e da Pedagogia da Infância, o lugar das crianças nas pesquisas do Grupo de Trabalho 07 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (2015-2023). O método emprega o Estado do Conhecimento, delineado por Marília Morosini, Pricila Kohls-Santos e Zoraia Bittencourt. Os resultados demonstram a criança como sujeito epistêmico e denunciam a ausência de estudos com crianças indígenas, ribeirinhas e com deficiência. A investigação conclui a urgência de descolonizar o olhar investigativo para abarcar a pluralidade das experiências infantis.

Palavras-chave: Educação. Educação Infantil. Pedagogia da infância. Criança. Estado do Conhecimento. Sociologia da infância.

ABSTRACT: This article addresses children's participation in academic production. The objective is to analyze, in light of the Sociology and Pedagogy of Childhood, the place of children in research from Working Group 07 of the National Association of Postgraduate Studies and Research in Education (2015-2023). The method employs the State of Knowledge, outlined by Marília Morosini, Pricila Kohls-Santos, and Zoraia Bittencourt. The results demonstrate the child as an epistemic subject and denounce the absence of studies with Indigenous, riverside, and disabled children. The

research concludes the urgency of decolonizing the investigative gaze to encompass the plurality of childhood experiences.

Keywords: Education. Early Childhood Education. Early childhood. Child. State of the Art. Social and Human Sciences.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo nasce de inquietações sobre o lugar ocupado pelas crianças na produção científica brasileira. Se, historicamente, a infância foi descrita pela ótica da incompletude (Sarmiento, 2005), as investigações contemporâneas demandam um deslocamento ético-epistemológico: é preciso deixar de pesquisar sobre as crianças, para pesquisar com elas (Fernandes; Marchi, 2010; Martins Filho, 2010).

Para compreender os desdobramentos dessa mudança, esta investigação traça um panorama da produção acadêmica do Grupo de Trabalho 07 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), no período de 2015 a 2023. O recorte justifica-se pelo compromisso de atualizar o balanço delineado por Martins Filho (2010) na pesquisa *Jeitos de ser criança: um balanço de dez anos da ANPEd*, identificando possíveis transformações, permanências e novas direções metodológicas no campo, frente ao crescente reconhecimento do protagonismo infantil (Sarmiento, 2005; Fernandes, 2016; Martins Filho, 2010).

Diante desse cenário, formula-se a seguinte questão: o que as pesquisas da última década no GT07 da ANPEd revelam sobre o lugar e as vozes das crianças nas investigações, e como essas produções contribuem para o campo da Pedagogia da Infância brasileira? Para respondê-la, o objetivo geral consiste em analisar, à luz da Sociologia da Infância, da Pedagogia da Infância e das metodologias de pesquisas com crianças, o espaço de autoria destinado aos sujeitos infantis. Trata-se de averiguar se a presença da criança no fazer científico tem se materializado como um direito ativo ou se, por vezes, reverbera como um gesto simbólico.

Para atender a este objetivo, percorreu-se a estratégia metodológica do Estado do Conhecimento, na perspectiva de Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021), que operou como uma luneta analítica em duas fases distintas: a primeira foi o mapeamento e refinamento dos trabalhos, que resultou em 27 produções selecionadas para compor o corpus e culminou, posteriormente, na construção de quatro Blocos Analítico-Interpretativos. A segunda fase foi a escrita do Estado do Conhecimento, integrando as inferências que emergiram das análises dos trabalhos em cada bloco.

Resultante de uma pesquisa de Mestrado em andamento¹, o presente artigo estrutura-se em cinco seções: a primeira é a presente Introdução; seguida da Correnteza Teórica, que entrelaça a Sociologia da Infância, a Pedagogia da Infância e as estratégias metodológicas das pesquisas com crianças; o Percorso Metodológico, que descreve as fases de construção do Estado do Conhecimento;

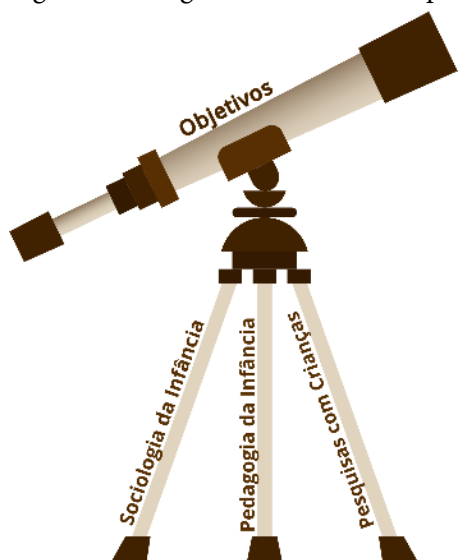
¹ Pesquisa de Mestrado intitulada Pesquisas com Crianças: uma análise do Estado do Conhecimento dos trabalhos apresentados no GT07 da ANPEd (2015 – 2023, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UDESC/FAED)).

a Análise e Interpretação dos Dados, que abarca a análise dos blocos e as proposições emergentes, e as Considerações Finais, nas quais os dados revelam as tensões, as lacunas e o reconhecimento da criança como sujeito epistêmico na investigação.

2 CORRENTEZA TEÓRICA

Nesta travessia investigativa, a teoria opera como correnteza: não para arrastar, mas para conferir direção e intensidade. A pesquisa posiciona-se com uma luneta (Figura 1), metáfora dos aprofundamentos teóricos, para mirar o que, por vezes, permanece na superfície ou às margens dos discursos: as particularidades, as subjetividades e as idiosincrasias das crianças. Busca-se, assim, captar seus jeitos plurais e singulares, tecidos em complexidades, silêncios e presenças inventivas.

Figura 1 – Diagrama da Luneta/Tripé Teórico



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

A luneta que orienta esta travessia apoia-se nos campos de conhecimento da Sociologia da Infância e da Pedagogia da Infância e da perspectiva epistemológica da pesquisa com crianças. Tais vertentes articulam ética, método e teoria, exigindo do pesquisador a disponibilidade para decifrar entrelinhas, implicar-se e perceber o que as crianças anunciam, interrompem e inventam no percurso investigativo.

2.1 Sociologia da Infância: a criança como ator social

O campo da Sociologia da Infância constituiu-se em oposição ao adultocentrismo, perspectiva que questiona a hegemonia geracional na interpretação da realidade infantil (Sarmiento, 2005).

Historicamente, essa lógica legitimou o diretivismo educativo, submetendo o corpo e a subjetividade da criança a rígidos padrões de obediência (Martins Filho, 2010). Ao romper com a visão da infância como mera etapa biológica, esta vertente a compreende como uma construção social na qual a idade estrutura relações de poder (Pascual, 2021).

Nesse cenário, a criança é afirmada como ator social competente, capaz de recriar a cultura por meio da reprodução interpretativa, processo pelo qual ressignifica o mundo adulto para estruturar suas próprias culturas de pares (Corsaro, 2011). Entretanto, o reconhecimento dessa agência enfrenta barreiras estruturais. O debate contemporâneo avança na crítica ao adultismo, entendido como uma opressão sistêmica que minoriza a infância na estrutura social (Arce, 2021). Tais limitações ecoam inclusive na Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC), alvo de críticas por ainda condicionar a participação infantil a critérios de racionalidade validados exclusivamente sob o crivo adulto (Sarmiento, 2005; Arce, 2021).

Esse engessamento reverbera na Educação Básica, onde a justiça intergeracional esbarra no descompasso entre conquistas legais e o cotidiano escolar (Kramer, 2006). Embora o protagonismo seja assegurado normativamente, as rotinas escolares, frequentemente, silenciam as múltiplas linguagens infantis em prol de uma pedagogia transmissiva (Barbosa, 2006; 2008). A persistência desse modelo vincula-se, em parte, às lacunas na formação docente. Os currículos de Pedagogia, historicamente, voltados ao Ensino Fundamental, oferecem base teórica insuficiente para as especificidades de bebês e crianças pequenas (Kramer, 2006).

Tal negligência reforça relações verticais, nas quais a criança é reduzida ao ofício de aluno, antes mesmo de ter seu direito à infância plenamente reconhecido (Marchi, 2010). Assim, superar o adultocentrismo exige que o Ensino Superior consolide uma Pedagogia da Infância pautada na escuta sensível (Rocha, 1999). Somente a articulação entre o rigor acadêmico e a gestão democrática viabilizará o compromisso ético com espaços educativos plurais (Sarmiento, 2005; Barbosa, 2006; Martins Filho; Vasconcelos, 2025).

2.2 Pedagogia da Infância: cuidado, escuta e experiência

A Pedagogia da Infância emerge no Brasil tensionando modelos pedagógicos normativos e escolarizantes, que impõem uma antecipação curricular precoce (Rocha, 1999; Barbosa, 2006). Tal lógica, ao reduzir a Educação Infantil a uma etapa meramente preparatória, nega o protagonismo da criança e a confina ao ofício de aluno (Marchi, 2010). Em contrapartida, este campo defende a indissociabilidade entre o cuidar e o educar, reafirmando a criança como sujeito da experiência.

Nessa perspectiva, reconhece-se que as vivências infantis definitivamente não cabem numa simples folha A4 (Martins Filho; Vasconcelos, 2025). Ser docente requer, logo, um conjunto de saberes que una o sensível ao inteligível. Esse repertório é o que permite enxergar a criança como sujeito que, desde o nascimento, constrói ativamente conhecimento, cultura e identidade (Barbosa, 2006).

É nesse horizonte que este estudo se firma, com o compromisso de mapear as produções que a validem a crianças como interlocutora legítima e voz essencial na pesquisa científica atual.

2.3 Pesquisas com crianças: o sujeito epistêmico

A perspectiva das pesquisas com crianças constitui o alicerce ético e metodológico deste artigo, que promove um deslocamento fundamental: deixa-se de investigar sobre a criança, para pesquisar com ela, reconhecendo-a como sujeito epistêmico e coautora dos sentidos produzidos (Graue; Walsh, 2003). Essa postura exige metodologias participativas e sensíveis às múltiplas linguagens infantis, incluindo gestos, silêncios e expressões não verbais.

Nesse cenário, a escuta deixa de ser uma ferramenta técnica para tornar-se um gesto ético de reconhecimento. Por essa razão, contesta-se a expressão ‘dar voz às crianças’, visto que a voz infantil já existe e possui legitimidade própria, independente de concessões adultas (Fernandes; Souza, 2020). O desafio reside, portanto, em criar condições para que essa voz, e o silêncio que a sustenta, sejam acolhidos com seriedade (Fernandes, 2016).

Reconhecer a criança como sujeito epistêmico implica permitir que seus modos de existir, sentir e pensar transformem a própria produção científica, pois as crianças possuem uma potencialidade de reconfigurar o que se compreende por saberes legítimos (Ferreira, 2010). É sob essa lente ética que a seção a seguir, detalha como este Estado do Conhecimento capta tais subjetividades no GT 07 da ANPEd.

3 O PERCURSO METODOLÓGICO: UMA ESCUTA EM TRAVESSIA

Esta investigação afasta-se de procedimentos puramente técnicos para assumir-se como um exercício ético e epistemológico. Orientada pela indagação sobre como as crianças têm sido visibilizadas na produção acadêmica, a metodologia, aqui, delineada não é neutra; ela exige a sensibilidade de quem reconhece as crianças como sujeitos de cultura e linguagem própria (Martins Filho; Vasconcelos, 2025).

Para tanto, o estudo fundamenta-se na estratégia do Estado do Conhecimento preconizado por Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021), que viabiliza uma visão sistêmica do objeto ao integrar dimensões qualitativas e quantitativas em duas grandes fases. A primeira fase compreende o ciclo interdependente de quatro etapas: as Bibliografias Anotada, Sistematizada, Categorizada e Propositiva. Nelas, os dados são organizados e interpretados sob critérios éticos e técnicos, permitindo que o pesquisador transcenda o mapeamento e alcance a proposição (Morosini; Kohls-Santos; Bittencourt, 2021).

Este movimento culmina na segunda fase: a Escrita do Estado do Conhecimento, compreendida como um exercício interpretativo e autoral, exigindo um retorno sensível aos dados gerados para a construção de um texto crítico e situado. Em síntese, o procedimento configura o movimento ‘4 + 1’, conforme ilustra a Figura 2, no qual as quatro etapas de organização e análise maturam a produção textual final.

Figura 2 – Movimento Estado do Conhecimento



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Deste modo, as quatro Bibliografias estruturam o mapa técnico da travessia, enquanto a Escrita do Estado do Conhecimento constitui o diário de bordo analítico. É nessa etapa final que a investigação decanta o denso volume de dados em uma voz autoral, transformando o rigor metodológico em uma comunicação viva. Tal movimento materializa o que Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021, p. 75) definem como um autêntico "processo dialógico entre autor e leitor". Sustentado por essa arquitetura, o presente estudo apresenta, a seguir, o detalhamento orgânico dessas duas grandes fases e de suas respectivas etapas investigativas.

3.1 O caminho traçado e os desafios da busca

Esta investigação inscreve-se no paradigma interpretativo, compreendendo o conhecimento como uma construção intersubjetiva situada entre sujeito e mundo (Denzin; Lincoln, 2006). Sob essa ótica, adota-se uma abordagem qualitativa com suporte quantitativo, visando integrar a compreensão de significados ao mapeamento de tendências observáveis (Creswell, 2010). Tal articulação fundamenta o uso do Estado do Conhecimento proposto por Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt, (2021) como eixo metodológico, permitindo ultrapassar o levantamento bibliográfico tradicional em prol de uma sistematização crítica que reafirme a criança como sujeito epistêmico (Sarmiento, 2005).

A escolha da ANPEd, para geração de dados, se justifica por ser uma entidade científica de referência no Brasil, cujos anais configuram um espaço privilegiado de socialização e divulgação da pesquisa em Educação (Kramer e Nunes, 2014; Gatti, 2001). Este estudo se coloca como continuidade e atualização do balanço anterior de Martins Filho (2010), criando um panorama da produção do GT07 da ANPEd entre os anos 2015 e 2023.

O percurso inicial, contudo, revelou desafios técnicos impostos pela plataforma da ANPED. A ausência de um sistema de busca padronizado, diferentemente de bases como da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) ou Scientific Electronic Library Online (SciELO), exigiu uma ‘garimpagem’ manual, com acesso anual aos anais e leitura direta dos arquivos. Somaram-se a isso problemas estruturais, como o redirecionamento incorreto de links na 39ª Reunião e a instabilidade de acesso aos trabalhos da 41ª Reunião.

Para contornar tais limitações, realizou-se a busca direta em navegadores externos, localizando as URLs oficiais das publicações. Graças a essa estratégia, nenhum trabalho foi perdido, o que demonstra que o rigor investigativo precisou sobrepor-se às fragilidades da fonte. Esse conjunto de escolhas metodológicas integra o desenho da pesquisa, detalhado na seção seguinte.

3.2 Bibliografia Anotada: o mapeamento inicial

A Bibliografia Anotada constitui o estágio inicial do Estado do Conhecimento, dedicado à identificação e ao registro das obras por meio da leitura flutuante de títulos, resumos e palavras-chave (Morosini; Kohls-Santos; Bittencourt, 2021). Nesta etapa, a definição dos descritores foi uma decisão metodológica ativa: consultas aos *Thesaurus* ERIC e UNESCO revelaram a ausência de categorias que reconhecessem a criança como sujeito epistêmico, privilegiando termos como desenvolvimento infantil ou educação pré-primária.

Em resposta, optou-se pela criação de descritores próprios: ‘pesquisa com crianças’, ‘escuta da criança’ e ‘participação infantil’. A aplicação manual desses termos resultou no levantamento inicial de 205 produções. Desse universo, 32 trabalhos atenderam aos critérios de inclusão, que exigiam o pertencimento ao campo da Educação Infantil e a menção das crianças como referentes empíricos, cujos dados de submissão e links de acesso encontram-se sistematizados no Quadro 1.

Por sua vez, as 173 produções excluídas centravam-se, em sua maioria, em análises sob o prisma do adulto ou no debate de políticas públicas sem interlocução direta com as crianças.

Quadro 1 – Bibliografia Anotada

ANO	NÚMERO	Acesso à página da plataforma
2015	07	http://37reuniao.anped.org.br/trabalhos/
2017	02	http://38reuniao.anped.org.br/programacao/
2019	03	https://anais.anped.org.br/p/39reuniao/trabalhos/
2021	09	https://anais.anped.org.br/p/40reuniao/trabalhos
2023	11	https://anais.anped.org.br/p/41reuniao/trabalhos

Fonte: Elaborado pela autora (2025), a partir dos dados da plataforma da ANPED

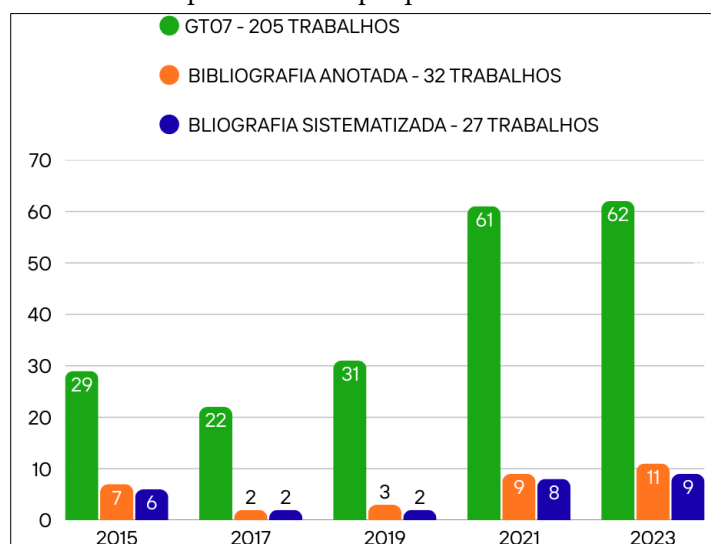
Para assegurar a rastreabilidade, os textos selecionados foram gerenciados no *software Mendeley*, que funcionou como um caderno de campo digital. Contudo, a organização técnica é apenas o suporte para o exercício analítico. Como ensina Barros (2010), é preciso desver o mundo para percebê-lo em sua novidade; a luneta metodológica aqui não busca aproximar o que já se sabe, mas localizar os ‘achadouros’ da infância nas entrelinhas da produção científica.

Assim, a Bibliografia Anotada ultrapassa a descrição documental. Ao registrar as primeiras aproximações com o *corpus*, começam-se a delinear os campos de sentido e as afinidades teóricas que serão aprofundadas nas etapas subsequentes.

3.3 Bibliografia Sistematizada: o refinamento do *corpus*

A Bibliografia Sistematizada constitui a segunda etapa do processo, caracterizada pelo refinamento do *corpus* mediante a leitura integral dos textos (Morosini; Kohls-Santos; Bittencourt, 2021). A partir desse movimento, dos 32 trabalhos selecionados, 05 foram excluídos, conforme o Gráfico 1. A exclusão decorreu da constatação, após leitura integral dos textos, de que, embora seus títulos e resumos sugerissem vinculação com a Educação Infantil, as crianças estavam sem protagonismo ou escuta efetiva da sua voz. Essa disparidade entre o que se anuncia e o que se desenvolve efetivamente levanta questões importantes sobre o rigor e a consistência das escolhas metodológicas (André, 2001; Gatti, 2006).

Gráfico 1 – Mapeamento das pesquisas na ANPED



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Assim, o percurso metodológico delineado encerra-se reafirmando o compromisso com um rigor ético e interpretativo, sensível à pluralidade e às vozes que compõem o campo. No movimento seguinte, a travessia prossegue com a categorização dos trabalhos, que marca o momento em que a

escuta se transforma em análise, e o mapeamento dá lugar à tessitura dos Blocos Analítico-interpretativos.

3.4 Bibliografia Categorizada: a construção dos blocos analítico-interpretativos

A Bibliografia Categorizada, terceira etapa da fase inicial, visa agrupar os trabalhos em Blocos Analítico-interpretativos a partir de aproximações de sentido que emergem do próprio *corpus* (Morosini; Kohls-Santos; Bittencourt, 2021). Para operacionalizar essa etapa, adotou-se a codificação indutiva de Bogdan e Biklen (1994), desdobrando-se em processos progressivos de interpretação.

Inicialmente, a Codificação Aberta, a partir da leitura minuciosa das 27 produções, gerou um inventário de 74 códigos específicos. Na sequência, operou-se o refinamento e a aglutinação desses dados, resultando em 14 códigos analiticamente mais robustos. Para dar conta da complexidade desse material, no qual o código silêncio, por exemplo, pode significar simultaneamente linguagem e resistência, assumiu-se a Codificação Múltipla de Bogdan e Biklen (1994), reconhecendo que as unidades de dados frequentemente se sobrepõem, o que fundamentou a criação do conceito autoral de ‘Ressonância Analítica’.

Operacionalizar a ressonância analítica significa considerar que os trabalhos não são gavetas estanques; eles vibram e ecoam em diferentes dimensões da análise, o que protege a integralidade da experiência da criança e evita que suas linguagens sejam isoladas de seu contexto global. Ou seja, uma cena que outrora ilustrou a agência lúdica pode, sob uma nova lente, revelar o peso da exclusão.

Diante do exposto, como resultado dessa ressonância e da identificação dessas regularidades, emergiram quatro Blocos Analítico-Interpretativos, conforme Quadro 2, com o número, ano, autoria e Programa de Pós-Graduação de cada trabalho, bem como os seus respectivos blocos de análise: Bibliografia Categorizada: Bloco I - Relações Sociais e Contextos (16 trabalhos): abarca as culturas de pares, os conflitos, a assimetria de poder e a violência institucional; Bloco II - Agência Infantil e Reprodução Interpretativa (13 trabalhos): foca na ação das crianças sobre o mundo (negociação, resistência, subversão e protagonismo); Bloco III - Linguagens e Culturas Infantis (14 trabalhos): concentra-se na corporeidade, no silêncio, na narrativa gráfica e na literacia digital; Bloco IV - Alteridade, Diferença e Interseccionalidade (14 trabalhos): aprofunda questões raciais, de gênero, pertencimento e crítica curricular.

Quadro 2 – *Corpus* para a análise e proposição

Nº	Ano	Autor(es)	Bloco
02	2015	Castelli, Carolina Machado (UFPel); Delgado, Ana Cristina Coll (UFPel)	Bloco I e Bloco III
03	2015	Gaudio, Eduarda Souza (UFSC)	Bloco IV
04	2015	Sousa, José Edilmar de (UFC)	Bloco I e Bloco IV
05	2015	Muller, Juliana Costa (UFSC)	Bloco II e Bloco III
06	2015	Tavares, Leandro Henrique de Jesus (UNIRIO)	Bloco I e Bloco IV
07	2015	Macêdo, Lenilda Cordeiro de (UEPB) Dias, Adelaide Alves (UEPB)	Bloco I e Bloco II
08	2017	Mafra-Rebello, Aline Helena (UFSC) Buss-Simão, Márcia (UNISUL)	Bloco I e Bloco II
09	2017	Silva, Tarcia Regina da (UPE)	Bloco IV
10	2019	Aquino, Pedro Neto Oliveira de (UFC) Cruz, Silvia Helena Vieira (UFC)	Bloco IV
11	2019	Souza, Rayffi Gumerindo Pereira de (UFCG)	Bloco I, Bloco II e Bloco IV
13	2021	Salutto, Nazareth (UFF)	Bloco I e Bloco III
14	2021	Neves, Vanessa Ferraz Almeida (UFMG) Silva, Elenice de Brito Teixeira (UNEB) Macário, Alice de Paiva (UFMG)	Bloco I, Bloco II, Bloco III e Bloco IV
15	2021	Melo, Vanessa Galindo Alves de (UFPE) Salles, Conceição Gislane Nóbrega Lima de (UFPE)	Bloco I e Bloco II
16	2021	Bispo, Joelma Gomes de Oliveira (UFBA) Sá, Maria Roseli Gomes Brito de (UFBA)	Bloco III
17	2021	Vilela, Rafaela Louise Silva (UFRJ)	Bloco II e Bloco III
18	2021	Campos, Rafaely Karolynne do Nascimento (UFS)	Bloco I e Bloco II
19	2021	Loffler, Daliana (UFSM) Delgado, Ana Cristina Coll (UNOESC)	Bloco I, Bloco II e Bloco III
21	2021	Novak, Regiani Francez (IFC) Nazario, Roseli (IFC)	Bloco I e Bloco II
22	2023	Freitas, Luisa Andries Nogueira de (Colégio Pedro II) Carvalho, Maria Cristina Monteiro Pereira de (PUC Rio)	Bloco III e Bloco IV
23	2023	Albuquerque, Karin Cristina Santos de (UFRJ) Guimarães, Daniela (UFRJ)	Bloco III e Bloco IV
24	2023	Simões, Patricia Maria Uchôa Penha, Rosimere Ferreira da (UFRPE)	Bloco II e Bloco III
26	2023	Sousa, Elizabeth Vieira Rodrigues de (UFMG) Almeida, Larissa Monique de Souza (UESB)	Bloco I e Bloco II
27	2023	Ramos, Tacyana Karla Gomes (UFS)	Bloco I, Bloco II e Bloco III
28	2023	Gonçalves, Fernanda (UFSC)	Bloco III
29	2023	Nascimento, Barbhara Elyzabeth Souza (UFPE) Brandão, Ana Carolina Perrusi Alves (UFPE)	Bloco I e Bloco III
30	2023	Intra, Zinia Fraga (UFES) Pinheiro, Larissa Franco de Mello Aquino (UFES) Zuccolotto, Alexandra Santuzzi (UFES)	Bloco III e Bloco IV
31	2023	Amancio, Izzie Madalena Santos (UFPR) Teodoro, Cristina (UNILAB) Lima, Patricia de Moraes (UFSC)	Bloco I e Bloco IV

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Este processo de síntese, guiado pela lógica indutiva (Bogdan; Biklen, 1994), evidenciou que a análise superou a frequência temática para estabelecer um modelo coerente, no qual os códigos refinados encontram sustentação transversal. Assim, a somatória de 54 incidências analíticas para 27 trabalhos não representa uma disparidade matemática, mas a materialização da Ressonância Analítica, em que um estudo pulsar em múltiplas dimensões da realidade investigada. Esta etapa constitui o alicerce para a Bibliografia Propositiva, dedicada, na sequência, ao aprofundamento interpretativo de cada bloco.

3.5 Bibliografia Propositiva: proposições como continuidade de escuta

A Bibliografia Propositiva constitui a quarta e última etapa da primeira fase do Estado do Conhecimento, funcionando como um ponto de transição fundamental. É o momento em que a escuta atenta das pesquisas se transforma em compromisso político e ético, ultrapassando a descrição dos dados para formular orientações e caminhos práticos nascidos dos Blocos Analítico-interpretativos (Morosini; Kohls-Santos; Bittencourt, 2021).

Cabe destacar que, em virtude da fluidez textual exigida pelo formato de artigo, optou-se por não elaborar o quadro-síntese de proposições usualmente estruturado nesta etapa. Amparando-se na flexibilidade do próprio método, que permite a apresentação das inferências ao final da análise (Morosini; Kohls-Santos; Bittencourt, 2021), as proposições emergentes foram tecidas organicamente no corpo do texto. Essa escolha metodológica assegura que as novas agendas de pesquisa dialoguem de forma direta e ininterrupta com os dados discutidos na fase analítica subsequente.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A escrita do Estado do Conhecimento constitui o momento em que as etapas anteriores se convertem em interpretação, permitindo que o retorno aos dados e a escuta atenta resultem em um texto crítico, situado e comprometido política e pedagogicamente, sendo um processo dialógico entre autor e leitor (Morosini; Kohls-Santos; Bittencourt, 2021). Esse diálogo é tecido por escolhas e recortes que visam fazer emergir as tendências, os tensionamentos e os silenciamentos presentes nas pesquisas analisadas, projetando, simultaneamente, novas agendas investigativas. Para sustentar esse movimento, a análise foi conduzida sob a perspectiva indutiva de Bogdan e Biklen (1994), na qual o processo analítico se inicia pela imersão nas unidades de sentido do corpus da investigação. É a partir da aglutinação minuciosa desses dados que se consolida, em seguida, o entrelaçamento interpretativo com o tripé teórico. Consecutivamente, emergem as proposições da presente investigação.

O primeiro Bloco I - Relações Sociais e Contextos evidencia que a instituição educativa como um território de disputas. Sob a lente da Sociologia da Infância, os estudos denunciam que a Pedagogia do Controle atua para fabricar precocemente o ofício de aluno (Sarmento, 2005; Marchi, 2010), invisibilizando o ofício de criança (Marchi, 2010). A análise transversal do *corpus* revela que o adultocentrismo se materializa no controle dos corpos e na interdição de necessidades vitais, como

evidenciado nos achados de Macêdo e Dias (2015) e Mafra-Rebello e Buss-Simão (2017), onde o ir ao banheiro, o brincar ou o fantasiar são condicionados à obediência ou usados como moeda de punição.

No entanto, a análise vai além da denúncia da violência simbólica, onde o grande achado deste bloco é a constatação empírica de que, nas frestas dessa estrutura opressora, as crianças instituem uma sofisticada ética do cuidado intrageracional. As investigações de Castelli e Delgado (2015) e Sousa, Almeida e Neves (2023) rompem com o mito do egocentrismo infantil ao documentarem crianças bem pequenas e bebês amparando uns aos outros, seja doando um pote de massinha para consolar o choro ou usando a colher de brinquedo para alimentar o colega. As pesquisas atestam que, enquanto a instituição controla em nome da ordem, as infâncias formulam rotas clandestinas de solidariedade, exigindo do adulto o descentramento do seu poder e a adoção de uma pedagogia da escuta.

O segundo Bloco II - Agência Infantil e Reprodução Interpretativa consolida a premissa de que a criança não é, segundo Corsaro (2011) um produtor ativo de cultura, demonstram que a agência infantil transgride através de refinados ajustamentos secundários (Ferreira, 2004; Novak; Nazario, 2021) para burlar a contenção espacial e curricular na instituição educativa.

As evidências empíricas traduzem as crianças convertendo a opressão em tática política. Isso ocorre seja na camuflagem física (como fingir dormir para escapar da vigilância, ou deitar a cabeça na mesa para brincar de forma velada), ou na insubordinação curricular, como o menino que abandona a proposta dirigida pela professora para regar as plantas do solário, forçando a professora a deixar o seu planejamento para acompanhar as crianças que vão junto com o menino (Campos, 2021). Essa reprodução interpretativa estende-se à cibercultura nas investigações de Muller (2015) e Vilela (2021), que documentam o momento em que as crianças remixam histórias virtuais e dominam as lógicas de *software*, instaurando uma ‘cidadania hacker’ que subverte o consumo passivo imposto pelas telas. Fica evidente que a infância burla a norma adulta para instaurar contínuas ordens instituintes (Ferreira, 2004).

No Bloco III - Linguagens e Culturas Infantis, a análise das pesquisas exige a descolonização do olhar do pesquisador sobre o que é considerado como linguagem (Martins Filho, 2010). Para além do utilitarismo fonético ou da palavra estruturada, as produções revelam que as crianças discursam com a totalidade do seu corpo e do seu entorno. Albuquerque e Guimarães (2023) descrevem essa poesia ao relatarem os bebês, cujos corpos se fundem à natureza (pedras e cipós) em um diálogo sensorial profundo.

O cruzamento dos dados permite extrair duas fortes conclusões teóricas, sendo a primeira é a função política do silêncio, que contrariando a pressa produtivista do adulto, o silêncio infantil não é ausência de saber, mas um refúgio estratégico para elaboração cognitiva e resistência ao tempo imposto, como comprovam Nascimento e Brandão (2023). A segunda é a força da narrativa gráfica, na qual o desenho infantil deixa de ser visto como treino motor para se consolidar como instrumento de denúncia social, atestado por Intra, Pinheiro e Zuccolotto (2023), cujas crianças desenhavam a periferia para denunciar o abandono do Estado e a criminalidade, exigindo seu direito à cidade (Sarmiento, 2005).

O último ‘achadouro’, Bloco IV - Alteridade, Diferença e Interseccionalidade, rompe com o viés universalista da infância, comprovando que as crianças são sismógrafos das mazelas e

desigualdades estruturais. A leitura cruzada destas pesquisas revela que os sujeitos infantis sofrem e tensionam cotidianamente as marcas do racismo, as regras de gênero e as vulnerabilidades de classe.

A análise aponta como o adultocentrismo atua como um espelho de Narciso (Kramer, 2009), impondo um padrão branco, cisnormativo e urbano. Isso gera dor, como o menino negro que deseja profundamente ter a cor que todo mundo tem, que é descrita na pesquisa de Silva (2017), mas também gera embates potentes, como a menina que exalta o poder de suas tranças na investigação de Gaudio (2015), na criança trans de 5 anos que, ao recusar o vestuário feminino, reivindica cidadania e expõe as falhas protetivas da instituição, atentada no estudo de Amancio, Teodoro e Lima (2023), ou como na investigação de Tavares (2015), que as crianças leem a exclusão social da sua realidade de forma exasperada, relatando a falta de leitos em hospitais ou a falta de vagas nas creches para seus irmãos menores.

A análise destes quatro blocos responde à questão central deste estudo, que o GT07 da ANPED, na última década tem, de fato, consolidado a criança como sujeito epistêmico nas suas investigações. Contudo, a análise teórica alerta para um paradoxo, que é a limitação deste cenário, pois enquanto o campo acadêmico avança em escutar a resistência da criança urbana, mantém na penumbra as infâncias indígenas, ribeirinhas, com deficiência, neurodivergentes.

Apesar dos campos da Pedagogia da Infância e da Sociologia da Infância revelarem ser potentes para descortinar a opressão adultocêntrica, as suas agendas futuras de investigações precisam da descolonização metodológica para abarcar todas as crianças e suas infâncias e é nesse horizonte que esta investigação aponta para novas travessias nas pesquisas com crianças, sendo descritas em três eixos:

O primeiro eixo é na dimensão das ideias e das práticas cotidianas, na qual é urgente a construção de uma pedagogia que cruze raça, gênero e classe social, assumindo uma postura ativamente antirracista. É preciso superar o padrão branco e a imposição de regras rígidas sobre os corpos das crianças, lógicas que ainda ecoam de forma velada em creches e pré-escolas. No dia a dia das instituições, isso implica romper definitivamente com a obsessão pelo controle. O caminho aponta para um protagonismo compartilhado entre adultos e crianças, onde as pequenas táticas de resistência e as traquinagens que elas operam escondidas deixem de ser vistas como indisciplina e passem a ser reconhecidas como formas legítimas de produção de cultura própria.

O segundo é no campo dos métodos de pesquisa, em que a proposta central é dar um passo além na escuta sensível. O silêncio, as pausas e as mensagens que o corpo infantil transmite devem ser elevados ao lugar de dados valiosos e oficiais de pesquisa, protegendo o campo contra o hábito adulto de ignorar os sinais dos pequenos. Junto a isso, propõe-se uma atenção renovada ao mundo digital! É preciso compreender o impacto das redes sociais e dos tablets na vida das crianças para além do medo que proíbe ou do consumo que aliena, olhando de perto para a exclusão tecnológica das comunidades mais pobres.

O terceiro é no campo da busca em expandir as fronteiras do conhecimento, para criar estruturas em que a criança deixe de ser "vítima" ou "objeto de estudo" e passe à condição de co-investigadora, participando ativamente das escolhas dos temas e conversando com seus próprios colegas de igual para igual durante as pesquisas. É imprescindível ouvir as crianças sobre suas infâncias

e modos de ser e estar no mundo, como condição obrigatória para abraçar, com respeito e dignidade, a pluralidade da vida infantil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao mapear as 27 produções do GT07 da ANPEd entre os anos de 2015 e 2023, a investigação permitiu constatar que a criança é, inegavelmente, reconhecida no plano teórico como um sujeito que produz conhecimento e saberes legítimos, sendo perfeitamente capaz de agir, resistir e criar cultura própria. No entanto, ao analisar o horizonte desses trabalhos com a luneta, nota-se que a infância real ainda sofre com a invisibilidade e com o controle dos adultos no dia a dia das instituições. Desse modo, o que salta aos olhos neste Estado do Conhecimento não são apenas as presenças confirmadas, mas os silêncios ensurdecedores que ainda persistem na academia.

Se as teorias afirmam que a infância é uma categoria social marcada pela diversidade (Sarmiento, 2005; Qvortrup, 2010), o conjunto de dados revela que a pesquisa científica ainda luta para abraçar a imensa variedade das infâncias brasileiras. Embora o campo tenha encontrado com facilidade a criança urbana que brinca no pátio da escola e desafia as regras, nota-se uma grave escassez de investigações que escutem crianças com deficiência e neurodivergentes para além de um viés puramente médico ou de lei de inclusão.

Da mesma forma, pouco se ouviu sobre os pequenos que habitam as comunidades ribeirinhas, pantaneiras, as florestas e as águas, cujos modos de vida desafiam a lógica urbana e escolarocêntrica, aquela mania da sociedade de enxergar e confinar a infância apenas dentro dos muros das instituições educativas. Como alerta Ferreira (2010), a produção de conhecimento exige uma renovação nos métodos de pesquisa, empenhada em reconhecer as infâncias colocadas à margem. Nessa penumbra investigativa, permanecem também as crianças migrantes e refugiadas, que trazem em seus corpos outras línguas e bagagens culturais, mas quase não aparecem nos estudos.

Apoiando-se nos alertas de Sarmiento (2005) e Abramowicz (2011), a investigação reforça que a pluralidade das infâncias indígenas ainda é tratada de forma muito pontual e isolada, confirmando que a quantidade desses estudos permanece muito abaixo do imenso potencial cultural disponível no país. Em uma nação de dimensões continentais e desigualdades tão profundas, a academia não pode se contentar em pesquisas apenas os contextos mais fáceis e privilegiados. Este artigo denuncia que, embora o campo acadêmico tenha avançado na criação de métodos de escuta, como o uso de desenhos, fotografias e filmagens, é imprescindível ampliar a diversidade dos sujeitos que são ouvidos. Exige-se uma descolonização das pesquisas para que a ciência não continue apagando as marcas de classe, raça, etnia e gênero que definem a vida dos pequenos.

Conclui-se, assim, que este Estado do Conhecimento cumpriu com rigor o seu papel de luneta: ele aproximou o que estava distante, mas também revelou as fronteiras onde a vista científica ainda não consegue alcançar. A agenda para a próxima década exige um esforço real para que as investigações cheguem aos rincões, às margens e às fronteiras do país, como condição obrigatória para compreendermos de fato a nossa sociedade.

Apesar da densidade dos achados, este percurso reconhece as limitações de seu próprio recorte documental. Ao fechar a análise exclusivamente nas produções do GT07 da ANPED (2015-2023), o estudo deixa de fora outras importantes investigações com crianças desenvolvidas no restante da pós-graduação brasileira. Dessa forma, aponta-se para a necessidade de que pesquisas futuras ampliem esse horizonte de busca para outros bancos de dados e repositórios.

Ao desembarcar desta jornada, constata-se que a travessia não encerra as perguntas, mas alarga os horizontes, convocando novos navegantes a buscarem as vozes que ainda esperam por reconhecimento. Fica o convite para que continuemos fazendo aquilo que Manoel de Barros (2010, p. 469) nos ensina com tanta sabedoria: a “carregar água na peneira”, insistindo na tarefa necessária de traduzir a grandeza e a força das infâncias para a ciência, sem jamais perder a boniteza da poesia que as constitui.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete. A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância. *Sociologia da infância no Brasil*. Campinas: Autores Associados, p. 17-36, 2011.
- ALBUQUERQUE, K. C. S. de; GUIMARÃES, D. Cartografia corporal com bebês: a potência nos encontros entre corpos-natureza. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 41., 2023, Manaus. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2023. Disponível em: <https://anais.anped.org.br/p/41reuniao/trabalhos>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- AMANCIO, I. M. S.; TEODORO, C.; LIMA, P. de M. Vivências de uma criança trans em contexto de educação infantil: direito ao reconhecimento da identidade e do corpo. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 41., 2023, Manaus. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2023. Disponível em: <https://anais.anped.org.br/p/41reuniao/trabalhos>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 113, p. 51-64, jul. 2001.
- AQUINO, P. N. O. de; CRUZ, S. H. V. A percepção de crianças de uma turma de creche acerca do pertencimento étnico-racial, numa comunidade de remanescentes de quilombolas. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 39., 2019, Niterói. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2019. Disponível em: <https://anais.anped.org.br/p/39reuniao/trabalhos/>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- ARCE, Matías Cordero. *Convenção das Nações Unidas Sobre os Direitos da Criança. Perspectivas Globais*. UMinho Editora, 2021. p. 105-112.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. *Por amor e por força: rotinas na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. *Projetos Pedagógicos na Educação Infantil*. Porto Alegre: Grupo A, 2008.
- BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

- BISPO, J. G. de O.; SÁ, M. R. G. B. de. Encontro dos bebês e crianças bem pequenas com as artes plásticas e visuais. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 40., 2021, Belém. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2021. Disponível em: <https://anais.anped.org.br/p/40reuniao/trabalhos>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- CAMPOS, R. K. do N. Negociação e participação infantil: o que as crianças nos revelam sobre os modos de participação na prática pedagógica? In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 40., 2021, Belém. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2021. Disponível em: <https://anais.anped.org.br/p/40reuniao/trabalhos>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- CASTELLI, C. M.; DELGADO, A. C. C. Bebês que se relacionam com crianças mais velhas: cuidados e conflitos na educação infantil. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37., 2015, Florianópolis. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/trabalhos/>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- CORSARO, William A. Sociologia da infância. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (org.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DORNELLES, Leni Vieira. Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber. Editora Vozes, 2005.
- FERNANDES, Natália. Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 21, n. 66, p. 759-779, 2016.
- FERNANDES, Natália; SOUZA, L. F. Da afonia à voz das crianças nas pesquisas: uma compreensão crítica do conceito de voz. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica, v. 5, p. 970-986, 2020.
- FERREIRA, Maria Manuela Martinho. Do “avesso” do brincar ou... as relações entre pares, as rotinas da cultura infantil e a construção da(s) ordem(ens) social(ais) instituintes(s) das crianças no jardim-de-infância. In: SARMENTO, Manuel Jacinto & CERISARA, Ana Beatriz. Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Edições ASA- Porto- Portugal 2004.
- FERREIRA, Manuela. “Ela é nossa prisioneira!”: questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica. Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 18, n. 2, p. 151-182, 2010.
- FREITAS, L. A. N. de; CARVALHO, M. C. M. P. de. “Não precisa escolher, só aparece”: a influência da mídia digital na experiência musical de crianças. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 41., 2023, Manaus. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2023. Disponível em: <https://anais.anped.org.br/p/41reuniao/trabalhos>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- GATTI, Bernardete A. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. Cadernos de Pesquisa, n. 113, p. 65-81, 2001.

- GAUDIO, E. S. Dimensão étnico-racial na educação infantil: um olhar sobre a perspectiva das crianças. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 37., 2015, Florianópolis. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/trabalhos/>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- GONÇALVES, F. O descomeço do verbo: a relação dos bebês com os livros na educação infantil. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 41., 2023, Manaus. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2023. Disponível em: <https://anais.anped.org.br/p/41reuniao/trabalhos>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- GRAUE, Mary Elizabeth; WALSH, Daniel J. A investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- INTRA, Z. F.; PINHEIRO, L. F. de M. A.; ZUCCOLOTTO, A. S. Pelos olhos das crianças: desenhos da cidade. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 41., 2023, Manaus. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2023. Disponível em: <https://anais.anped.org.br/p/41reuniao/trabalhos>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- KRAMER, Sônia. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e/é fundamental. *Educação & Sociedade*, v. 96, p. 797-818, 2006.
- KRAMER, Sonia; NUNES, A. Pesquisas sobre Educação Infantil e as Reuniões Anuais da ANPED. *Cadernos de Pesquisa*, v. 44, n. 154, p. 752-774, out./dez. 2014.
- LOFFLER, D.; DELGADO, A. C. C. Os movimentos de participação dos bebês em uma turma de berçário: entre as culturas infantis e uma cultura adulta sensível na educação infantil. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 40., 2021, Belém. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2021. Disponível em: <https://anais.anped.org.br/p/40reuniao/trabalhos>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- MACÊDO, L. C.; DIAS, A. A. Tia, posso pegar um brinquedo? A ação das crianças no contexto da pedagogia do controle. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 37., 2015, Florianópolis. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/trabalhos/>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- MAFRA-REBELO, A. H.; BUSS-SIMÃO, M. Formas regulatórias na educação infantil: retratos a partir da perspectiva das crianças. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 38., 2017, São Luís. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2017. Disponível em: <http://38reuniao.anped.org.br/programacao/>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- MARCHI, R. de C. O ofício de aluno e o ofício de criança: articulações entre a sociologia da educação e a sociologia da infância. *Revista Portuguesa de Educação*, Minho, v. 23, n. 1, p. 183–202, 2010.
- MARTINS FILHO, Altino José. Jeitos de ser criança: um balanço de dez anos da ANPED. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 33., 2010, Caxambu. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2010.
- MARTINS FILHO, Altino José; VASCONCELOS, Teresa. A prática do Fazer-Fazendo da docência na Educação Infantil além da A4. Tubarão: Copiart, 2025.
- MELO, V. G. A. de; SALLES, C. G. N. L. de. As temporalidades da infância que habitam o território currículo-escola da educação infantil e os dizeres infantis que invencionam currículos-outros. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 40., 2021, Belém. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2021. Disponível em: <https://anais.anped.org.br/p/40reuniao/trabalhos>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- MOROSINI, Marília Costa; KOHLS-SANTOS, Pricila; BITTENCOURT, Zoraia. Estado do conhecimento: teoria e prática. Curitiba: CRV, 2021.

- MULLER, J. C. Jogos e brincadeiras com o uso das tecnologias móveis na educação infantil: o que as crianças têm a nos dizer? *In*: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37., 2015, Florianópolis. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/trabalhos/>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- NASCIMENTO, B. E. S.; BRANDÃO, A. C. P. A. O silêncio das crianças nas rodas de história da educação infantil. *In*: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 41., 2023, Manaus. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2023. Disponível em: <https://anais.anped.org.br/p/41reuniao/trabalhos>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- NEVES, V. F. A.; SILVA, E. de B. T.; MACÁRIO, A. de P. A tomada de consciência na pesquisa etnográfica com bebês. *In*: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 40., 2021, Belém. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2021. Disponível em: <https://anais.anped.org.br/p/40reuniao/trabalhos>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- NOVAK, R. F.; NAZARIO, R. Institucionalização da infância: uma análise de narrativas de crianças a partir de experiências na educação infantil e na família. *In*: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 40., 2021, Belém. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2021. Disponível em: <https://anais.anped.org.br/p/40reuniao/trabalhos>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- PASCUAL, Ivan Pascual. Idades. *In*: Conceitos-chave em Sociologia da Infância. Perspectivas Globais. UMinho Editora, 2021. p. 285-290.
- QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. *Educação e pesquisa*, v. 36, n. 2, p. 631-644, 2010.
- RAMOS, T. K. G. Inserção em campo e consentimento de bebês na pesquisa etnográfica. *In*: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 41., 2023, Manaus. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2023. Disponível em: <https://anais.anped.org.br/p/41reuniao/trabalhos>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- ROCHA, Eloisa Acires Candal. A pedagogia e a educação infantil. Campinas: Autores Associados, 1999.
- SALUTTO, N. “Será que é mágica?” Reflexões sobre interações entre adultos, bebês e livros. *In*: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 40., 2021, Belém. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2021. Disponível em: <https://anais.anped.org.br/p/40reuniao/trabalhos>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361–378, maio/ago. 2005.
- SILVA, T. R. da. Que cor é a minha cor? A autoidentificação racial das crianças na educação infantil. *In*: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 38., 2017, São Luís. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2017. Disponível em: <http://38reuniao.anped.org.br/programacao/>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- SIMÕES, P. M. U.; PENHA, R. F. da. Corpos em movimento produzindo saberes na educação infantil. *In*: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 41., 2023, Manaus. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2023. Disponível em: <https://anais.anped.org.br/p/41reuniao/trabalhos>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- SOUSA, E. V. R. de; ALMEIDA, L. M. de S.; NEVES, V. F. A. Cuidado e educação: investigando a inserção e participação de bebês em atos de cuidar. *In*: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 41., 2023, Manaus. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2023. Disponível em: <https://anais.anped.org.br/p/41reuniao/trabalhos>. Acesso em: 15 dez. 2025.

SOUSA, J. E. de. Homem docência com crianças pequenas: o olhar das crianças de um centro de educação infantil. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37., 2015, Florianópolis. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/trabalhos/>. Acesso em: 15 dez. 2025.

SOUZA, R. G. P. de. "... Mamãe, eu tenho um novo amigo na escola... Ele é grande, mas quer aprender com a gente". In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 39., 2019, Niterói. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2019. Disponível em: <https://anais.anped.org.br/p/39reuniao/trabalhos/>. Acesso em: 15 dez. 2025.

TAVARES, L. H. de J. Meu irmão tem 3 anos e não estuda porque ele é criancinha: o que dizem as crianças sobre a educação infantil e o direito? In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37., 2015, Florianópolis. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/trabalhos/>. Acesso em: 15 dez. 2025.

VILELA, R. L. S. Literatura infantil digital: experiências de leitura e autoria na escola. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 40., 2021, Belém. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2021. Disponível em: <https://anais.anped.org.br/p/40reuniao/trabalhos>. Acesso em: 15 dez. 2025.

Recebido em: 16 de fevereiro de 2026.

Aprovado em: 18 de maio de 2026.

ⁱ Eliane Brusco das Chagas. Mestranda em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC, 2024), Professora da Educação Infantil da Prefeitura de Florianópolis, integrante do Grupo de Pesquisa Laboratório Didática e Formação Docente (NAPE/UDESC). Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6550852546561920>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-9937-4930>

E-mail: eliane.chagas@prof.pmf.sc.gov.br

ⁱⁱ Altino José Martins Filho. Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS (2013) e estágio científico avançado de doutoramento com Especialidade em Sociologia da Infância pela Universidade do Minho/Portugal (2011/2012). Pós-doutorado em 2015 pela Universidade do Minho/Portugal e pós-doutorado pela Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC, 2019/2020), Professor da Educação Infantil da Prefeitura de Florianópolis, coordenador do Grupo e Laboratório Didática e Formação Docente (NAPE/UDESC). Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1255764205897401>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1260-2992>

E-mail: altinojosemartins@gmail.com

ⁱⁱⁱ Célio Roberto da Silva. Mestrando em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC, 2024), Professor da Educação Infantil da Prefeitura de Florianópolis, integrante do Grupo de Pesquisa Laboratório Didática e Formação Docente (NAPE/UDESC). Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-3925-991X>

E-mail: celio.beto1@gmail.com